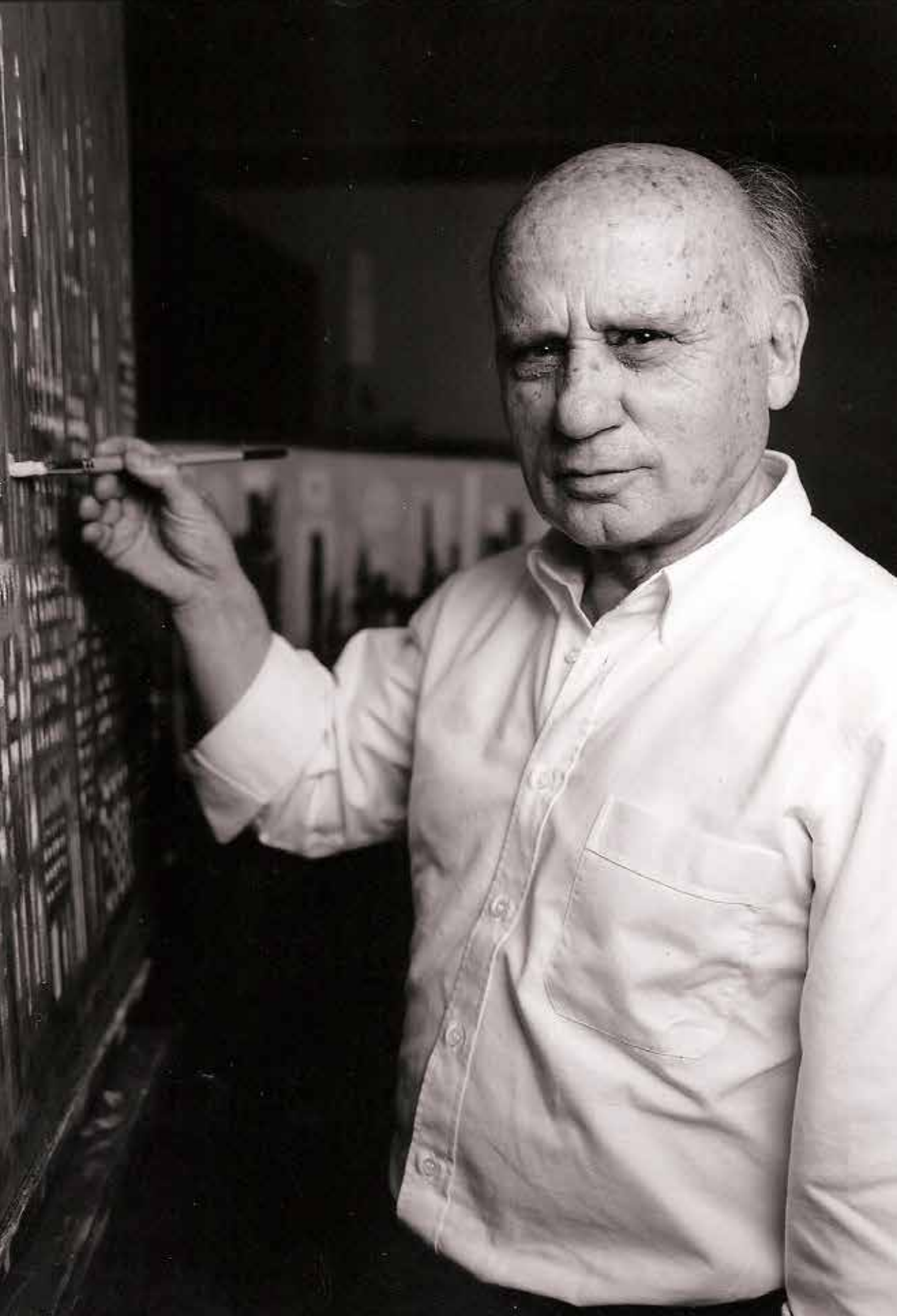




# Manuel Cargaleiro

## Cerâmica

**MANUEL CARGALEIRO**  
Foto de Kenton Tachter, Lisboa, 2001



La céramique est un art dans lequel le génie portugais a produit la quintessence de son lyrisme. Manuel Cargaleiro y a excellé, montrant comment, dans la nitide brièveté d'un azulejo, ~~la~~ la vie végétale pouvait se styliser à l'extrême de la grâce, comment aussi pouvait s'organiser <sup>une décoration</sup> ~~des formes~~ géométriques qui, ~~elle~~ <sup>pour</sup> conforme qu'elle soit à l'abstractionnisme moderne, se situe elle aussi dans la tradition nationale. Mais Cargaleiro est également peintre, l'un des meilleurs qui, depuis de nombreuses années, représente son pays dans l'école de Paris. En témoignent les admirables gouaches que voici, exquises décantations, ~~par~~ <sup>clairs</sup> ~~par~~ poèmes du goût le plus subtil et le plus pur.

Jean Cassou

La céramique est un art dans lequel le génie portugais a produit la quintessence de son lyrisme. Manuel Cargaleiro y a excellé, montrant comment, dans la nitide brièveté d'un azulejo, la vie végétale pouvait se styliser à l'extrême de la grâce, comment aussi pouvait s'organiser une décoration géométrique qui, pour conforme qu'elle soit à l'abstractionnisme moderne, se situe elle aussi dans la tradition nationale. Mais Cargaleiro est également peintre, l'un des meilleurs qui, depuis de nombreuses années, représente son pays dans l'école de Paris. En témoignent les admirables gouaches que voici, exquises déchantations, clairs poèmes du goût le plus subtil et le plus pur.

Jean Cassou

## Matéria familiar – as cerâmicas de Manuel Cargaleiro

Laura Castro\*

Esta exposição de Manuel Cargaleiro evidencia, do seu trabalho recente, algumas das linhas de desenvolvimento da cerâmica na contemporaneidade: a que explora uma vertente mais pictórica, utilizando a superfície cerâmica como suporte de pintura, e a que investiga uma faceta mais escultórica, através do tratamento de matizes, brilhos e reflexos dos relevos e vidrados. Nesta exposição são também visíveis os modelos formais de abordagem dos suportes que a história nos legou, seja quando o artista utiliza essa unidade mínima que todos os ceramistas conhecem – o quadrado cerâmico, o azulejo – seja quando prefere compor um painel formado por pequenas unidades e trabalhá-lo como um todo.

É ainda claramente perceptível a opção por uma de duas possibilidades: a submissão ao enquadramento e à forma base, elaborando as bordaduras geométricas e reforçando a moldura em redor com uma pincelada azul; ou a libertação desta moldura, percorrendo com motivos fluidos, mais vegetais e florais do que humanos, toda a superfície.

Quando a moldura surge, assiste-se a uma ornamentação sugestivamente próxima da arte tradicional, que chega a lembrar os lenços de feição popular, quer pelo recurso a elementos geométricos esquemáticos, quer pela inscrição do nome do artista e da data da obra, que assim adquirem valor formal, bem como pela menção Ravello, um dos sítios onde a sua produção artística foi consagrada num núcleo museológico.

O que não é visível, pelo menos a um olhar não iniciado, é o conhecimento e o domínio técnico que esta prática exige de Manuel Cargaleiro que, como os artistas que cultivam a cerâmica, tem plena consciência da transformação mágica que se opera nos seus processos de fabrico.

Tendo sobrevivido a todas as alterações que a arte registou ao longo de séculos, a cerâmica preserva, nos nossos dias, as dimensões de uma prática multifacetada, suficientemente maleável para se adaptar a distintas finalidades.

Associada, por um lado, à dimensão utilitária de revestimentos parietais e de pavimento que asseguraram a sua presença em conjuntos edificados de interesse patrimonial; integrada, por outro lado, nas produções funcionais que geraram, e continuam a gerar, os objectos do nosso quotidiano, dotados das características específicas com que respondem ao seu destino; enquadrada, finalmente, nas criações decorativas que lhe garantiram o estatuto de arte aplicada, a cerâmica tem acompanhado a mudança das linguagens e das tecnologias que o universo artístico sempre conheceu. É com a resposta apropriada que a cerâmica surge em cada envolvimento, ora procurando o acerto formal e material, ora pesquisando a tecnologia correspondente, ora, finalmente, acomodando o acerto iconográfico que tão importante se revela no caso de encomendas.

Desta conjugação de factores e da exposição à variedade de pretextos e de contextos em que a cerâmica sempre se viu implicada, resultaram a sua fortuna e a sua riqueza. Objecto de escala doméstica manuseado no quotidiano mais prosaico, escultura ou decoração monumental para a marcação dos grandes espaços de representação, revestimento conveniente à circulação de grandes fluxos de pessoas em espaços públicos, a cerâmica transfigura-se e manifesta as problemáticas e as ambiguidades que a sua definição foi incorporando: arte aplicada, arte decorativa, património integrado, arte.

A Manuel Cargaleiro pouco interessará esta tipificação dos modos de fazer e dos modos de usar, e o inventário das possibilidades que esta prática lhe abriu e continua a abrir. O trajecto longo que tem percorrido permite-lhe criar no interior de uma linguagem há muito estabelecida, que identificamos sem dificuldade, e exercer o compromisso entre a tradição portuguesa e o fabrico italiano que descobriu.





1. Placa cerâmica, 48 x 14 cm, 2014



2. Placa cerâmica, 48 x 14 cm, 2015



3. Placa cerâmica, 48 x 14 cm, 2015



5. Placa cerâmica, 30 x 15 cm, 2015

4. Placa cerâmica, 47 x 4,5 cm, 2014



6. Placa cerâmica, 30 x 30 cm, 2015



7. Placa cerâmica, 30 x 30 cm, 2011



8. Placa cerâmica, 30 x 30 cm, 2011



9. Placa cerâmica, 20 x 20 cm, 2015





10. Placa cerâmica, 20 x 20 cm, 2014



11. Placa cerâmica, 20 x 20 cm, 2009



12. Placa cerâmica, 20 x 20 cm, 2015



13. Placa cerâmica  
14 x 14 cm, 2014



14. Placa cerâmica  
14 x 14 cm, 2012

15. Placa cerâmica  
14 x 14 cm, 2012



16. Placa cerâmica  
14 x 14 cm, 2012





17. Placa cerâmica  
14 x 14 cm, 2012



18. Placa cerâmica  
14 x 14 cm, 2012



19. Placa cerâmica  
14 x 14 cm, 2012



20. Placa cerâmica  
14 x 14 cm, 2012



21. Placa cerâmica  
14 x 14 cm, 2012



22. Placa cerâmica  
14 x 14 cm, 2012





23. Placa cerâmica, 15 x 15 cm, 2015



24. Prato, 26 x 26 cm, 2015



25. Painel de azulejos, 42 x 42 cm, 2013



26. Painel de azulejos, 42 x 42 cm, 2013



27. Painel de azulejos, 42 x 84 cm, 2014



28. Painel de azulejos, 98 x 196 cm, 2015



29. Painel de azulejos, 98 x 196 cm, 2015



30.



31.



32.



33.





34.



35.



36.



37.



38. Jarra, 2014



39. Jarra, 2014



40. Jarra, 2014



41. Jarra, 2015



42. Jarra, 1997



43. Jarra, 2015



44. Jarra, 1998



45. Venise à minuit, Óleo s/ tela, 55 x 46 cm, 1978



46. Vesailles II, Óleo s/ tela, 61 x 46 cm, 1990



47. La petite exposition geometrique, Óleo s/ tela, 26,5 x 21 cm, 1970





48. Amadora, 2009  
Rehaussée, P/A, Papel Fabriano, 50,4 x 99,9 cm



49. Cidade Suspensa, 1996  
Rehaussée, P/A, Papel Guarro, 70 x 50 cm



50. Les secrets de la montagne, 1992  
Rehaussée, P/A, Papel Arches, 51,5 x 73 cm



51. Ville Ancienne, 2002  
Seragrafia, P/A, Papel Fabriano, 38 x 56 cm



52. Bibliotheque, 1991  
Seragrafia, P/A, Papel Arches, 63 x 91 cm



53. Rehaussé, 1988  
Gravura a buril, 63/75, Papel I0, 27,5 x 20,5 cm



54. Rehaussé, 1988  
Gravura a buril, H/C-3/10, Papel I0, 27,5 x 20,5 cm



55. Rehaussé, 1988  
Gravura a buril, VI/XX, Papel IO, 27,5 x 20,5 cm



56. Rehaussé, 1988  
Gravura a buril, 62/75, Papel IO, 27,5 x 20,5 cm



57. Rehaussé, 1988  
Gravura a buril, III/X, Papel 10, 27,5 x 20,5 cm



58. Rehaussé, 1988  
Gravura a buril, E/A, Papel 10, 27,5 x 20,5 cm





**59.** Rehaussé, 1988  
Gravura a buril, 7/75, Papel IO, 27,5 x 20,5 cm



**60.** Rehaussé, 1988  
Gravura a buril, H/C - 2/10, Papel IO, 27,5 x 20,5 cm



61. Rehaussé, 1988  
Gravura a buril, E/A, Papel IO, 27,5 x 20,5 cm



62. The Geometrical composition of summer, 2000  
Serigrafia, P/A 25/25, Papel Fabriano, 67 x 85,5 cm



63. Florence, 1997  
Litografía, E/A, Papel Velin d'Arches, 58 x 56 cm

Manuel Cargaleiro nasceu em 1927 em Portugal.

Realizou os seus estudos em Lisboa onde frequentou a Escola Superior de Belas Artes para se dedicar às Artes Plásticas.

Em 1949, expôs pela primeira vez no I Salão de Cerâmica Moderna, em Lisboa.

Em fevereiro de 1954, expôs na Galeria de Março em Lisboa, representando um marco importante para o reconhecimento do seu trabalho no mundo das artes. Nesse mesmo ano inicia funções, que mantém por 4 anos, de professor de Cerâmica na Escola de Artes Decorativas António Arroio. Também em 1954, foi galardoado com o Prémio Sebastião de Almeida.

A sua primeira formação como ceramista valeu-lhe a incursão no mundo então muito pequeno das artes portuguesas, de que viria a partir para procurar horizontes mais abertos.

Em 1955 recebe o Diploma de Honra da Academia Internacional de Cerâmica, em Cannes. Uma bolsa de estudos pelo governo italiano, através do Instituto de Alta Cultura, em 1957, permite-lhe aprofundar os seus conhecimentos na arte da cerâmica em Faenza, Roma e Florença. No seguimento dessa viagem fixa residência em Paris, onde se tornou mais tarde, artista representado em permanência na Galeria Albert Loeb, até 2015.

Em 1958, torna-se um dos primeiros bolseiros da Fundação Calouste Gulbenkian, possibilitando a realização de estágio na "Faiènerie de Gien". Expõe cerâmicas e guachas, em 1959, com Camille Bryen e Jean Arp, na Galeria Edouard Loeb. Nesse mesmo ano, apresenta obras na Exposição de Cerâmica Contemporânea no Museu de Ostende, na Bélgica.

Nas décadas seguintes participa em inúmeras exposições individuais e coletivas, em diversos países, designadamente França, Brasil, Japão, Alemanha, Itália, Angola, Moçambique, Espanha, Venezuela, Suíça e Bélgica.

Em 1980 destacam-se as exposições na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, no Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, e na Casa da Cultura de André Malraux, em Reims.

O Presidente da República Portuguesa atribuiu-lhe, em 1982, as insígnias de Comendador de Santiago da Espada. É condecorado Oficial das Artes e Letras pelo governo francês em 1984. Em 1988 é agraciado com a Grande Cruz da Ordem de Mérito pelo Presidente da República de Portugal. Manuel Cargaleiro é convidado, em 1985, para participar nos primeiros encontros de artistas plásticos da América Latina, Espanha e Portugal, em Jerusalém. Em 1990 criou a Fundação Manuel Cargaleiro, atualmente sediada em Castelo Branco, à qual doou um vasto conjunto das suas obras enquanto artista e colecionador, tendo em setembro de 2005 cumprido um dos principais objetivos com a inauguração do museu, em Castelo Branco, que no ano de 2011 é ampliado. No ano de 1995 executa painéis de azulejos em diversos locais públicos em Portugal, como também para a estação de metro parisiense Champs Elysées-Clémenceau, em Paris. Em 1999 é-lhe atribuído o 1.º Grande Prémio Internacional "Viaggio attraverso la Cerâmica", colocando-o como grande referência artística em Itália, sendo inaugurado em Vietri sul Mare, no ano de 2004, o "Museo Artistico Industriale di Ceramica Manuel Cargaleiro", que em 2015 se instala em Ravello, na Costa Amalfitana, com a designação "Fondazione Museo Manuel Cargaleiro". Em 2016 Manuel Cargaleiro encontra-se representado em permanência na Galeria Hélène Bailly, em Paris. Em Março de 2016 inaugura uma exposição de cerâmica, na Galeria AP'ARTE, no Porto.



**AP'ARTE**  
GALERIA DE ARTE

Rua Miguel Bombarda, 221  
4050-381 Porto-Portugal  
t: 351 220 120 184  
e: [geral@apartegaleria.com](mailto:geral@apartegaleria.com)  
w: [www.apartegaleria.com](http://www.apartegaleria.com)